

# Dialogar para transformar: relatos de experiências metodológicas na Educação Não Formal para Juventudes

**Fernanda Cristina da Silva Ribeiro**

Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação de Psicologia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Pesquisadora Colaboradora do Observatório de Juventudes

**Andrea Filipini Rodrigues Lauer mann**

Mestre em Linguística pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Pesquisadora Colaboradora do Observatório de Juventudes

## RESUMO

Este artigo se trata de um relato de experiências referentes a duas iniciativas dialógicas com adolescentes e jovens em cidades do Vale do Paraíba Fluminense e Paulista. As duas experiências são distintas, mas encontram grandes similaridades no que tange aos objetivos e forma de alcance do diálogo com jovens. Os objetivos circundam a promoção da reflexão entre jovens e adolescentes acerca de sua realidade e possibilidades de escolha diante de diversos fenômenos que lhes se apresentam; a criação de espaços de fala e troca de experiências; empoderamento pessoal, grupal, político e comunitário. As metodologias desenvolvidas em ambas experiências transitam na promoção do diálogo com adolescentes e jovens através de uma linguagem que compreenda sua pluralidade contextual e geracional e da troca de experiências a partir da relação horizontal entre educador e educando. O uso de jogos e técnicas de grupo, da linguagem própria e postura de horizontalidade são ferramentas para a construção do conhecimento em conjunto, para a formação da criticidade, a valorização e empoderamento da participação dos jovens na construção de seu conhecimento, no reconhecimento de sua realidade, na construção de sua autonomia de escolha e no fortalecimento de sua comunidade.

## PALAVRAS-CHAVE:

Educação Não Formal; Juventudes; Grupalidade; Horizontalidade; Dialogicidade.



## ABSTRACT

. Este artigo se trata de um relato de experiências referentes a duas iniciativas dialógicas com adolescentes e jovens em cidades do Vale do Paraíba Fluminense e Paulista. As duas experiências são distintas, mas encontram grandes similaridades no que tange aos objetivos e forma de alcance do diálogo com jovens. Os objetivos circundam a promoção da reflexão entre jovens e adolescentes acerca de sua realidade e possibilidades de escolha diante de diversos fenômenos que lhes se apresentam; a criação de espaços de fala e troca de experiências; empoderamento pessoal, grupal, político e comunitário. As metodologias desenvolvidas em ambas experiências transitam na promoção do diálogo com adolescentes e jovens através de uma linguagem que compreenda sua pluralidade contextual e geracional e da troca de experiências a partir da relação horizontal entre educador e educando. O uso de jogos e técnicas de grupo, da linguagem própria e postura de horizontalidade são ferramentas para a construção do conhecimento em conjunto, para a formação da criticidade, a valorização e empoderamento da participação dos jovens na construção de seu conhecimento, no reconhecimento de sua realidade, na construção de sua autonomia de escolha e no fortalecimento de sua comunidade

## KEYWORDS:

Non-formal Education; Youths; Group; Horizontality; Dialogicity.

## INTRODUÇÃO

As Juventudes vistas da perspectiva de conjuntos de sujeitos de direitos demandam e suscitam a criação de Programas e Ações dentro da cátedra das Políticas Públicas de Juventudes (PPJs). Todavia para entender o trabalho feito com o jovem deve-se, primeiro, entender o porquê se fala para jovem. Cada contexto confere um olhar diferente, enxerga uma demanda diversa e enfoca o sujeito jovem em um viés, priorizando as vulnerabilidades, entre outras categorizações.

Os Programas desenvolvidos para Juventudes, se pautam nas políticas públicas que são voltadas e preocupadas com determinada demanda, com determinada questão social. O contexto de vulnerabilidade em que surgiram as políticas de juventude, de acordo com Abramo (2014), circundava os fenômenos das transformações tecnológicas, da globalização, da nova divisão internacional do trabalho que tiveram como consequências a maior precarização das relações de trabalho e o aumento da pobreza, afetando diretamente a juventude.

Não por acaso, os governos, os bancos e os organismos internacionais - buscando caminhos para "sair da crise" e superar a pobreza - começaram a discutir "os problemas da juventude". Assim, ao lado das medidas que visavam "o enxugamento do Estado", surgiram as "políticas compensatórias", isto é, com foco em grupos considerados "de risco" ou mais "vulneráveis". Neste contexto, revelando a fragilidade do modelo econômico então vigente, colocou-se a necessidade de "políticas públicas de juventude" (ABRAMO, 2014, p. 50).

Os múltiplos enfoques que prevaleceram como influência na constituição e implementação das políticas públicas de juventude foram inventariados por Krauskopf (2003 apud ABRAMO, 2014, p. 51) em quatro categorias e cada qual aborda a juventude sob diversas concepções. Entre as categorias citadas pelo autor enumeram-se: 1) *juventude como etapa de preparação, transição entre a infância e a idade adulta*; 2) *juventude como etapa problemática*; 3) *juventude como atores estratégicos para o desenvolvimento*; 4) *juventude cidadã como sujeito de direitos*. Em síntese, enquanto algumas dessas categorias concebe o jovem como sujeito do devir, limitando-o à ideia de um sujeito em construção, como aprendiz, com necessidades de ser preparado para a vida adulta, outra lança o olhar apenas para a vulnerabilidade, tomando como base os indicadores de violência, drogas, evasão escolar, gravidez não planejada, enfatizando o comportamento de risco que estigmatizam o jovem, partindo da associação entre juventude e problema. Dessa maneira, *os problemas que atingem os jovens transformam-se nos problemas da juventude e, portanto, é o sujeito jovem que se transforma no problema para a sociedade* (SPÓSITO, 2003 apud ABRAMO, 2014, p.53).

Contudo, para balizar essa perspectiva de juventudes, destacam-se iniciativas, como as apresentadas neste artigo, que vão de encontro a essa visão e que focam nas potencialidades dos jovens sujeitos de direitos, críticos, autônomos, com consciência de sua atuação nos espaços públicos. Iniciativas estas que reconhecem que os jovens têm potencialidades para responder aos desafios e às demandas trazidas pelos avanços tecnológicos e para novas dinâmicas sociais.

Deveria o olhar sobre as vulnerabilidades das Juventudes se sobrepôr ao reconhecimento de suas potencialidades? A priori, o olhar dos adultos (pais, professores, educadores, militantes, técnicos) é o da preocupação, o que muito se deve à incompreensão do que o jovem comunica. De acordo com Carrano (2005), as novas identidades culturais às quais os jovens de hoje têm acesso, a sua flexibilidade para fazer escolhas e dispor de seus planos futuros em novas experiências, advém dos efeitos da globalização, da velocidade de circulação das informações, da amplificação dos universos de referências. Segundo o autor, não há jovem descolado do seu entorno, da cultura da cidade, e se hoje as cidades e os contextos culturais são diversos, as juventudes também as são.

Os gostos, as atitudes e comportamentos dos jovens se identificam atualmente pela multiplicidade e a ambivalência. É impossível reunir diversas condições sociais de existência em diferentes contextos e caracterizar uma única cultura da juventude (CARRANO, 2005, p. 157).

Dessa forma, Carrano (2005, p.161) chama atenção para compreensão das culturas dos grupos de juventudes que evidenciam

um caminho para o diálogo, considerando dimensões normalmente negligenciadas nos contextos educacionais, como *a festa, a leveza, a sensibilidade, a identidade coletiva e a solidariedade que recompõe vínculos comunitários*. O autor ainda destaca a necessidade de sair do lugar comum que só enxerga a delinquência, o risco e a violência nos grupos de juventude.

Do ponto de vista da educação, como forma de implementação de políticas públicas, o educador precisa estar atento às expressões culturais e linguagens dos grupos de juventude e se indagar sobre o que eles têm a dizer. Muitas vezes o que é interpretado como apatia e desinteresse pode ser um convite ao diálogo, à indicação de interesse por explorar outros meios educativos (CARRANO, 2005).

Nesta perspectiva, este artigo apresenta na modalidade metodológica de relato de experiências de duas iniciativas em educação não formal, as quais versam sobre a metodologia de oficinas com temáticas diversas oferecidas à adolescentes e jovens na região do Vale do Paraíba no sudeste do país. O objetivo é democratizar métodos e procedimentos no âmbito da educação não formal que se demonstraram efetivos no alcance do diálogo com adolescentes e jovens no que se refere às temáticas transversais.

A educação não formal abarca muitas práticas pedagógicas e educacionais que favorecem espaços de diálogos e desenvolvimento de temas transversais fazendo com que a educação seja complementar à escolarização em seus territórios. Entretanto, essas práticas e inovações metodológicas por vezes deixam de ser reconhecidas e universalizadas devido à escassez de registro e publicação. Isto acontece, muitas vezes, porque os trabalhos

ocorrem em ambientes não formais e por motivações pessoais, onde o registro e a avaliação periódica não são considerados pontos principais. Contudo, estes trabalhos não devem ser subestimados, pois certamente os resultados existem a curto, médio e longo prazo. O presente trabalho vem ao encontro desta demanda, ou seja, possibilitar, a partir da reflexão de duas experiências com Juventudes, a prática de cientificar, registrar, avaliar e documentar ações.

As experiências aqui apresentadas são referentes a duas iniciativas dialógicas com adolescentes e jovens em cidades do Vale do Paraíba Fluminense e Paulista. Uma prática denominada Projeto Na Medida, fruto da parceria entre a ONG Associação Singulares e iniciativa privada com o compromisso de abordar o tema de consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes e jovens nas escolas, na região fluminense. A outra prática, o Projeto Diálogos, representada pela ONG Instituto Dialogare a qual trabalha temas variados em parceria com diversos setores das comunidades, na região paulista.

As experiências são distintas, porém encontram grandes similaridades no que tange aos objetivos e às formas de alcance do diálogo com jovens das cidades de divisa dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Além disso, as duas instituições têm trabalhado para consolidar parcerias entre si, de maneira que a apresentação em conjunto de suas experiências faz ainda mais sentido.

Um dos principais pontos em comum entre as duas instituições e suas experiências está na perspectiva pedagógica na qual se pautam. A criação de espaços para grupos de discussão e problematizações sobre

temas transversais, como meio de promover educação de forma horizontal, fundamenta-se nas tendências pedagógicas críticas que, contrárias à pedagogia tradicional, visam levar os educadores e os educandos a atingir um nível de consciência da realidade em que vivem, na busca da transformação social. Essas tendências pedagógicas crêm que:

[...] nesta pedagogia, o método de ensino é realizado na forma de trabalho educativo através de grupos de discussão [...] desta forma, se baseia na relação dialógica entre atores da aprendizagem, tanto alunos como professores [...] recorre-se então aos conhecimentos científicos, possibilitando a teorização a partir dos fatos contidos no dia a dia, no cotidiano do aluno [...] confrontada a realidade com sua teorização, o aluno vê-se naturalmente movido a uma outra fase: a formulação de hipóteses de solução para o problema em estudo (CABRAL, MARTINS, 2009, p).

Dessa forma, vale mencionar com mais precisão o ponto principal da pedagogia crítica emancipadora que serve de alicerce para as atividades desenvolvidas pelos projetos – a relação educador/educando vivenciada de modo autêntico, conforme discorre Paulo Freire (2000, p. 12):

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender [...] quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética.

A partir desta perspectiva, os objetivos circundam a promoção da reflexão entre jovens e adolescentes acerca de sua realidade e possibilidades de escolha diante de diversos fenômenos que lhes se apresentam; a criação de espaços de fala e troca de experiências; provocação da tomada de consciência de suas potencialidades e empoderamento pessoal, grupal, político e comunitário; acesso à informação e sensibilização sobre comportamentos de risco, redução de danos e promoção de saúde; e, de maneira geral o desenvolvimento da criticidade acerca de si e sua realidade.

As metodologias desenvolvidas nas duas experiências transitam na promoção do diálogo com adolescentes e jovens através de uma linguagem que compreenda sua pluralidade contextual e geracional e da troca de experiências a partir da relação horizontal entre educador e educando. Além da linguagem adaptada aos educandos, a metodologia prevê a aplicação de jogos de grupo e dramatização como instrumento para o desenvolvimento de vivência dos temas propostos. A Teoria do Psicodrama de Jacob Levy Moreno vem ao encontro dessas práticas metodológicas, muitos elementos dessa teoria servem de base e fundamentos para os métodos utilizados como: a espontaneidade-criatividade, conserva cultural, role-playing, os egos auxiliares. A própria estrutura a qual as atividades seguem, são pautadas, de certa maneira, na estrutura dos sociodramas, a saber: aquecimento, representação e compartilhamento, ou seja, incluem uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão, como síntese de tudo foi vivenciado e partilhado por todos.

A conserva cultural, por exemplo, que está nas respostas “engessadas” e no uso de mecanismos rígidos é confrontada através de vivências de situações “simuladas” por jogos dramáticos e técnicas de grupo dentro de um ambiente seguro que permite que a pessoa entre em contato com outras formas de expressão pela espontaneidade chega a resolução de problemáticas. A possibilidade de estar em relação de flexibilizarem-se de modo a experimentarem outras “máscaras” (formas de respostas aos conflitos), trazendo para si a desconstrução das conservas culturais.

O termo “conserva cultural” foi definido por Moreno como toda a cristalização de um processo de criação. A tendência da educação é substituir a espontaneidade pelas respostas estabelecidas e regulamentadas, pelas “conservas culturais”, produtos acabados (objetos, comportamentos, usos e costumes) que se mantêm de maneira idêntica em dada cultura (VIEIRA, 2009, p.06).

Esses jogos e vivências têm a capacidade de trabalhar a empatia e a experimentação de outras “realidades”, de outros papéis, posturas, além do reconhecimento de sua própria, em diversas situações experienciadas. A partir disto, apresentam-se as experiências denominadas.

## NA MEDIDA DO DIALOGO...

O Projeto Na Medida atua basicamente junto às instituições de ensino da rede pública e eventualmente em instituições privadas, universidades e em projetos parceiros. Sua concepção foi a partir da parceria de um grupo de jovens educadores que já desenvolvia oficinas temáticas para a juventude e uma

empresa produtora de bebidas alcoólicas, no intuito de desenvolver um projeto de responsabilidade social e prevenção, voltado para o público adolescente e jovem, tendo em vista o uso abusivo que esse público faz do álcool. A partir da consolidação e expansão do trabalho, percebeu-se a necessidade de se desenvolver uma estrutura mais ampla para abarcar frentes mais amplas de atuação desse projeto e de outros na área da educação, treinamentos, consultorias, pesquisa e extensão, dessa maneira foi criada a ONG Associação Singulares, que atualmente é a responsável pelo planejamento, execução e avaliação do Projeto Na Medida que já abrange todo território do Vale do Paraíba (fluminense e paulista).

Fundamentalmente, o projeto previa uma proposta educativa que não adotasse uma linguagem coercitiva diante dos participantes e assim, seus principais objetivos seriam sensibilizar e informar quanto aos riscos e consequências do uso e abuso de álcool. A proposta apresentada pelo Projeto Na Medida visa repensar os discursos e as práticas repressivas predominantes na maioria dos debates preventivos, aliando-se a uma prática de caráter crítico e histórico que considere as vivências e valores daqueles a quem se dirige; oferecendo a estes a possibilidade de desenvolver e ampliar seus argumentos e crenças sobre situações e contextos em que o álcool está inserido.

O projeto Na Medida constitui-se como um espaço onde o sujeito pode refletir de forma crítica sobre suas escolhas, desejos e forma de relação com o fenômeno álcool. Esse espaço articula-se a prática pedagógica crítica humanista que considera e valoriza as

experiências do público participante, bem como suas diferentes formas de posicionamento, vivências e valores diante do tema.

A metodologia utilizada pelos educadores sofreu adaptações, em função de sua temática específica. A demanda de trabalhar informações mais objetivas e a necessidade da fiabilidade na comprovação de resultados mais consistentes, transformaram a abordagem semidiretiva para diretiva. Entretanto, a essência da metodologia permanece na medida em que se compreende e valoriza-se a participação ativa dos adolescentes e jovens na construção do diálogo e reflexão e pela horizontalidade na condução.

Desta maneira, o Projeto Na Medida, em consonância com todas ações preconizadas pela ONG Associação Singulares, compreende em sua visão: *o homem em seus múltiplos atravessamentos: afetivo, moral, volitivo, cósmico, político, espiritual, estético, econômico, corpóreo, cultural e dotado de subjetividade*. E a crença de uma sociedade equânime, politizada e crítica, capaz de favorecer a todos indivíduos participação na transformação de sua realidade; em sua missão: *Contribuir para o desenvolvimento da pessoa humana e para o fortalecimento de sua cidadania transformando o conhecimento coletiva e colaborativamente*; e em seus valores: *Respeito à iniciativa individual, ao crescimento pessoal; ética; participação pró-ativa; honestidade; transparência; espontaneidade; empatia e colaboração*.

As atividades são agendadas e organizadas junto à escola que, em contato prévio de apresentação da proposta, disponibiliza os números de turmas e o calendário, de maneira que o projeto atenda alunos a partir da segunda fase do ensino fundamental, passando pelo

ensino médio e, dependendo da disponibilidade de ambos, atende-se a EJA (Educação de Jovens e Adultos), o que compreende essencialmente a faixa etária de 11 anos à 19 anos. As oficinas, geralmente, ocorrem na própria sala de aula, com uma turma por vez e têm duração de dois tempos de aula, cerca de 1h40.

As atividades são prioritariamente conduzidas por três educadores que se revezam entre a condução e a função de *ego auxiliar* oferecendo suporte e olhar ampliado sobre o grupo. O principal fator de escolha por este tipo de condução se pauta na oferta de diversidade de referências educadoras e na facilitação da horizontalidade e manejo de grupo. A estrutura utilizada em sala de aula é a formação de círculo, de maneira, que todos possam manter contato visual, facilitando a escuta, a troca e o envolvimento na reflexão.

Além disso, o trabalho do Projeto Na Medida tem caráter pontual, ou seja, ocorre apenas uma vez em cada grupo atendido. Entretanto, a condução das oficinas sempre foi feita com base em um roteiro de atividades previamente estabelecido pelo trio de educadores que conta com uma estrutura básica e essencial, no qual podem ser incorporadas técnicas e jogos que favoreçam o debate, a reflexão e a vivência da temática. Esta estrutura é um diferencial na metodologia do projeto pois promove um alinhamento para que cada atividade tenha começo, meio e fim (introdução-desenvolvimento-conclusão).

O roteiro corresponde aos seguintes passos: apresentação (nesse momento os educadores se apresentam, e explicam a proposta do projeto e a temática); levantamento de expectativas (pergunta-se ao grupo o que imaginam e esperam que seja falado e feito);

contrato (uma vez esclarecidas a proposta e as expectativas, chega o momento de alinhar a conduta e as regras de convivência do encontro, são solicitados a participação de todos e o respeito pela diversidade de opiniões, aos espaços de fala e valorização da expressão de cada um, evitando ruídos e interrupções); a primeira parte das atividades conta com alguma técnica de aquecimento, “quebra-gelo” de introdução do tema (a cada atividade, exploram-se as características vivenciadas nos jogos, divide-se impressões e as correlações com a temática trabalhada); na sequência vem uma atividade de desenvolvimento que geralmente tem maior duração, na qual trata-se mais objetivamente do tema e suas transversalidades (faz-se um levantamento de dúvidas, partilha de informações técnicas, explicações através de dinâmicas e vivências); em um terceiro momento faz-se uma revisão dos assuntos abordados durante toda a oficina e parte-se para última atividade que tem o caráter de revisar, integrar e sensibilizar (essa atividade tem uma característica mais vivencial e dramática, pois tem o objetivo de sensibilizar quanto a importância do cuidado com o que foi partilhado e promove a síntese do encontro); na sequência vêm o encerramento com duas maneiras de avaliação, a verbal e a escrita (na avaliação verbal os participantes são convidados a falar espontaneamente uma palavra que resuma o que estão sentindo e sua impressão sobre o encontro, na avaliação escrita os participantes são convidados a preencherem uma ficha para dar feedback sobre a temática, sobre as brincadeiras e técnicas, se gostariam de participar novamente e apontar temáticas de interesse).

Outras ferramentas metodológicas destacadas são o ajuste de linguagem e vocabulário utilizados que consideram a faixa etária e contexto sociocultural do público atendido e a inclusão, sempre que possível, de recursos artísticos e culturais, como uso de instrumentos musicais, apresentações teatrais, desenhos. Além disso, os educadores lançam mão de algumas técnicas de manejo de grupo que favorecem a condução do encontro e a criação de vínculo com os participantes. Um dos primeiros passos é fundamental para o desenvolvimento do trabalho, se trata da leitura do grupo, o educador deve estar atento à “temperatura” do grupo, por exemplo, turmas mais frias, onde os participantes são mais silenciosos e tímidos, devem ser usadas atividades que sensibilizem, aqueçam e agitem o grupo, o círculo de cadeiras deve ser disposto de maneira a aproximar os participantes, e exige uma atenção especial ao início, na apresentação, no contrato, na atividade de quebra-gelo, trabalhando a formação de vínculo e confiança entre os participantes. Da mesma maneira, deve ser feito quando o grupo se apresentar mais quente e agitado, entretanto se recorre a técnicas e jogos que acalmem e focalizem os participantes, a disposição das cadeiras deve ser mais dispersa, afastando um pouco os participantes, evitando conversas paralelas. Contudo, existem grupos que alternam a temperatura e a postura em momentos diferentes da atividade, os educadores devem estar atentos a sua condução, uma fala extensa demais pode fazer com que o grupo se canse, perca o foco e se disperse, em contrapartida, brincadeiras muito agitadas podem sair do controle. Os educadores devem ser capazes de

observar o as expressões corporais do grupo para estar em sintonia com os participantes e fazer com que o “encontro” aconteça de fato.

Apesar do tema, ser o consumo de bebidas alcoólicas, o pano de fundo, o mote do trabalho, é o processo de construção de escolhas, pois, acredita-se nesta organização que o acesso à informação é a base para escolhas responsáveis. Refletir junto aos educandos a construção das escolhas dentro da perspectiva da tríade relacional eu-comigo, eu-outro, eu-mundo, de forma que amplie o panorama do impacto de suas escolhas. Dessa maneira, compreende-se que pessoas informadas fazem melhores escolhas, pois a partir do momento em que se tem noção das possíveis consequências de cada opção, a escolha se torna consciente.

## DIALOGICIDADE E LIBERDADE...

O Instituto Dialogare, que abrange diversas frentes de trabalho, entre elas o projeto Diálogos, tem sua concepção através da parceria entre profissionais e estudantes universitários de áreas diversas que, através do contato e vivências em instituições privadas, projetos sociais, ONGs, levantam questionamentos sobre o sistema educacional, políticas públicas, assistência social e os modos de relacionamento nas instituições em geral. A inquietação desse grupo de pessoas, surgida a partir de suas experiências com as comunidades, deu origem à idealização da proposta metodológica do Instituto, que tem como objetivo principal a escuta e o diálogo com as comunidades para construção de propostas e ações que visam o empoderamento, o protagonismo e a emancipação comunitárias coerentes aos seus contextos. Ainda com uma

característica de grupo o Instituto Dialogare passou a realizar vivências mais frequentes de diálogos com as comunidades junto às diversas instituições e setores de atuação do grupo de profissionais, até consolidar seu trabalho como uma organização não governamental ONG, atendendo, basicamente, a região do Vale do Paraíba paulista e alcançando parceiros em cidades do estado fluminense e mineiro,

Nessa trajetória, as ações da ONG se concentram na busca pela transformação da realidade social através de trabalhos em diversos setores nas frentes de: articulação de rede; intervenções (sócio)comunitárias; educação social; cursos de extensão universitária sobre juventudes (junto às universidades da região), pesquisa, assessoria e capacitação na temática das Juventudes (na gestão do Observatório de Juventudes do Vale do Paraíba – núcleo de pesquisa e extensão em parceria com centros universitários).

Tais vivências reforçaram a proposta metodológica da ONG, que está na proposição do diálogo, através de técnicas de grupo-processos grupais, que permitem conhecer as reais necessidades da comunidade e seu território, para construção coletiva das ações. Essa metodologia acompanha todas as ações dentro da ONG, e de maneira particular naqueles que atendem especialmente o público adolescente e jovem, como no caso do Projeto Diálogos (Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos Familiar e Comunitária, desenvolvido em convênio com a Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social do Município de Lorena-SP, executado junto aos jovens das famílias referenciadas aos

Centros de Referência de Assistência Social –CRAS) experiência relatada no presente trabalho.

Assim como na metodologia, as ações norteiam-se através de sua missão, visão e valores, respectivamente: o Instituto Dialogare, fundamentado na experiência do diálogo, vê-se na missão de facilitar o desenvolvimento integral das comunidades a partir da compreensão que estas têm de si mesmas e de suas necessidades; desta maneira, visiona tornar-se referência como Projeto Social que através do diálogo possibilita a autonomia das diversas comunidades; e dentre seus valores, destacam-se, o diálogo estabelecido com os grupos e a experiência de ouvi-los em seus pontos de vista, levando-os em consideração na construção e efetivação do projeto. A humildade através da capacidade de reconhecer a permanente condição humana do não-saber. O amor à incerteza, ao duvidoso, ao improvável, ao imprevisível, ao arriscado e ao impreciso faz parte do humilde modo de ser do dialogador. E por fim a ética, como a capacidade de reconhecer a necessidade exigida pela verdade em cada caso. É a ética que possibilita o cuidado acima de qualquer lei, moralismo ou julgamento prévio.

Partindo desses pressupostos, apresenta-se a experiência do Projeto Diálogos e a descrição dos seus procedimentos que refletem de maneira especial a metodologia ora destacada. Os eixos temáticos desenvolvidos pelo projeto são preconizados pelo Governo Federal, pois fazem parte da execução de políticas públicas de assistência social, através do convênio com a secretaria municipal. Desta forma, as ações e reflexões empreendidas pelos educadores junto aos educandos visam o desenvolvimento do

estritamento do vínculo entre a comunidade e os serviços de apoio para seu fortalecimento e engajamento. O que se reflete e é consonante com as práticas do Instituto Dialogare, e assim por consequência do Projeto Diálogos.

Os encontros do projeto têm em média 1h15 de duração e considera em sua estrutura básica o processo de acolhimento, aquecimento, discussão e fechamento. As oficinas temáticas têm o caráter contínuo, o que abre possibilidades para um trabalho com temáticas mais livres formuladas através da demanda do próprio grupo de participantes, com foco no fortalecimento de vínculo e protagonismo juvenil. O público alvo são crianças e adolescentes compreendidos na faixa etária de 6 a 17 anos, de ambos os sexos, que participam de projetos socioassistenciais e/ou estão inseridos nas escolas da rede pública estadual e municipal, os grupos são separados por faixas etárias aproximadas de 6 a 12 anos, e de 12 a 17 anos. As atividades acontecem nas dependências de escolas, espaços comunitários e nas sedes dos CRAS parceiros.

Os educadores trabalham em dupla para facilitar o manejo de grupo e ofertar diversidade de referências em sala. No contato com o grupo, o primeiro procedimento a ser destacado é o levantamento de expectativas junto aos participantes sobre o trabalho a ser desenvolvido e as problemáticas que serão abordadas consideradas importantes pelo grupo. A modalidade e as atividades desenvolvidas nos encontros variam entre técnicas expressivas, dinâmicas de grupo, rodas de conversa, técnicas artísticas e culturais, como o uso de música e dança.

Os educadores são orientados a desenvolver uma leitura do perfil e da dinâmica de funcionamento grupal para determinar quais estruturas de trabalho de grupo serão mais adequadas para desenvolver o trabalho. Esse processo se dá pela construção de vínculo com cada grupo atendido, o que, neste trabalho, direciona-se uma atenção especial, dispensando um extenso número de encontros e atividades exclusivamente com esse objetivo. São brincadeiras, jogos e conversas que ocorrem de maneira “informal” e que não seguem um viés temático senão o da integração entre os membros do grupo e seus educadores.

Dessa forma, a escolha da estrutura do encontro respeita a leitura do grupo e a temática a ser desenvolvida. Algumas das características peculiares da atuação do Projeto Diálogos estão na diversidade de abordagens de trabalho e na flexibilidade na escolha dos temas que seguem, o quanto possível, às demandas apresentadas por cada grupo e são incluídas dentre dos eixos temáticos preconizados pelo convênio. Esse trabalho é feito junto aos participantes, quando sugerem diretamente assuntos de seu interesse, e a partir da observação dos educadores de temas e situações que necessitam de abordagem.

Os procedimentos de maneira geral seguem a disposição do grupo em círculo, a aplicação de um Rapport a apresentação de propostas de discussão que envolve o resgate dos assuntos trabalhados nos encontros anteriores, uma atividade de aquecimento e introdução do tema que envolvem técnicas diversas, como uso de imagens, músicas, poesias, vídeos; e o desenvolvimento da temática que pode ser: ora por rodas de conversa, ora pelo desenvolvimento de psicodrama, ora por

aplicação de grupos operativos, ora pelo desenvolvimento oficinas artísticas simbólicas (que envolvem o uso de argila, massa de modelar, colagens, entre outros materiais para construção de artesanatos e materiais).

Em função da continuidade o projeto ganha um caráter processual, ao qual cada etapa pode ser desmembrada em vários encontros, de maneira que, a estrutura que prevê apresentação da proposta, levantamento de expectativas, contrato de convivência, aquecimento e integração do grupo, escolhas e desenvolvimento de temas, encerramento e avaliação, são aplicados ao longo de ciclos ou semestres.

Independentemente do tema trabalhado, cada encontro e cada técnica objetiva contribuir para o reconhecimento dos valores e potencialidades dos participantes e de sua comunidade no enfrentamento das problemáticas por eles vivenciada. A intenção é promover situações e vivências que propiciem, através das atividades e da experiência dialógica, a descoberta e o desenvolvimento de uma autoimagem empoderada, de recursos internos e externos de enfrentamento, de uma criticidade e autonomia de atitudes para o fortalecimento comunitário e protagonismo cidadão.

## PONTOS DE ENCONTRO...

Embora sejam resguardadas as peculiaridades que distinguem suas práticas, como a diretividade da condução e o compromisso de apresentação de informações relacionados a um determinado tema em uma das iniciativas ou a não diretividade e a liberdade em trabalhar temas demandados

espontaneamente pelos grupos, ambas experiências lançam mão essencialmente das mesmas ferramentas para atender seu público. O uso de jogos e técnicas de grupo, da linguagem própria e postura de horizontalidade são ferramentas para a construção do conhecimento em conjunto, para a formação da criticidade, a valorização e empoderamento da participação dos jovens na construção de seu conhecimento, no reconhecimento de sua realidade, na construção de sua autonomia de escolha e no fortalecimento de sua comunidade.

A resposta dos jovens a ambas frentes de trabalho é bastante positiva, tanto pelo acolhimento dos projetos e a sinalização do desejo de continuidade dos mesmos, quanto pela indicação da escolha de outras temáticas para trabalho. Entretanto, apesar deste largo alcance e comprometimento das duas instituições com seus objetivos e a prática da pedagogia crítica para a promoção de uma educação emancipadora, nos vemos diante do desafio de construir instrumentos que avaliem de maneira fidedigna os resultados e o impacto social das duas práticas.

*Esses desafios vão da escassez de recurso para investimento na construção dessas ferramentas, passam pela resistência dos próprios educadores e atores dessas práticas em tornar o trabalho mais objetivo e burocrático e à dificuldade de encontrar métodos de avaliações objetivos para fenômenos subjetivos, ou melhor, em encontrar métodos adequados e fidedignos que expressem o impacto dessas práticas pedagógicas com efeitos tão subjetivos. Outra questão forte é a maneira como surgem projetos e ações dentro da pedagogia crítica e da educação não formal, muitas dessas ações surgem de maneira informal, espontânea, por motivações pessoais, dentro das próprias*

*comunidades, onde o registro e a avaliação periódica não são considerados pontos principais. Todavia, de maneira nenhuma, isto desqualifica a efetividade e o valor desses trabalhos, vide o presente relato de experiências.*

Um palpite é que a ausência de registros e avaliações vem em resposta à priorização do fazer em detrimento do escrever-teorizar e, principalmente, porque muitas dessas ações surgem em crítica e em oposição à formatação da educação formal pelo excesso e rigidez de seus processos avaliativos e à escolarização bancária, críticas essas preconizadas pelo surgimento da pedagogia crítica de Paulo Freire (2000) ora exposta no texto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato corrobora a importância da transformação da prática em conteúdos metodológicos científicos que contribuam para o registro e a democratização das experiências educativas. O próximo passo é a criação de indicadores e ferramentas avaliativas fidedignos que permitam a avaliação da eficácia do método para multiplicação e replicação dessas práticas, com o cuidado de não descaracterizar o processo desconstrutivo e espontâneo que é marca destas ações.

Sugere-se, que este seja um tema para pesquisas mais profundas, o de investigar os desafios do registro, da construção de métodos avaliativos coerentes e do compartilhamento dessas práticas, além de tentar compreender os processos que geram resistência por parte dos atores em cientificar, registrar, avaliar e documentar suas ações no âmbito da educação não formal de adolescentes e jovens.

A educação voltada para as Juventudes vem pautada em motivações e enfoques muito diversos, muitos deles fundamentados na perspectiva da vulnerabilidade, do comportamento de risco. O que nos traz um questionamento: Por que se preocupar com a juventude? Seria para ajudá-los ou para ser ajudado?

Se um jovem precisa de compreensão tanto mais o adulto precisa se compreender através do jovem. É o olhar para ele que regata a inspiração, o anseio pelas mudanças, o espírito revolucionário, a utopia, o acreditar, a leveza, a solidariedade, como bem pontua Carrano (2005). Esta é a chave para a compreensão do mundo futuro. Não por uma ideia clichê ultrapassada e esvaziada de que "o jovem é o futuro da nação", mas por nele conter a chave para compreensão das novas tendências, se relacionar com novas tecnologias, desconstruir conceitos, levantar novos paradigmas, acolher a diversidade. Por serem os jovens, sujeitos de direito, empoderados e conscientes de sua existência e papel no mundo e nos espaços públicos, sujeitos de sua história, conscientes de sua historicidade, de sua genealogia. Esse é motivo para ações como as apresentadas neste relato, criar espaços de diálogos onde essas juventudes se encontrem e se munam dessas ferramentas para encontrar suas potencialidades.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. (Org.), **Estação juventude: conceitos fundamentais – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude**. Brasília: SNJ, 2014, 128p.  
ANDALO, C. S. A., **O papel de coordenador de grupos**. São Paulo: Psicologia USP, v. 12, n. 1, p. 135-152, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642001000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 ago. 2016.

CABRAL, L. N.; MARTINS, D. C., **Reflexões acerca das tendências pedagógicas e da prática educativa em geografia**. Porto Alegre, p. 10-11, 2009. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20\(61\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20(61).pdf)> Acesso em: 10 jul. 2016.  
CARRANO, P. C. R., Identidades juvenis e a escola. **In: BRASIL, Ministério da Educação, Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**, Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005, p. 153-165. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=655-vol3const-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=655-vol3const-pdf&Itemid=30192)> Acesso em: 30 jul 2016.  
FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, p. 92.  
GONÇALVES, C. S., WOLFF, J. R., ALMEIDA, W. C., **Lições de Psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno**. São Paulo: Editora Ágora, 1988.  
MORENO, J. L. Fundamentos do Psicodrama. São Paulo: Summus, 1983.  
SOUZA, E. M., **Estratégias de Rapport em conversas cotidianas entre amigos e familiares no espanhol de Buenos Aires: uma perspectiva interacional**. [Tese de Doutorado] Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, p. 145. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/elianemattosdesouzadoutorado.pdf>> Acesso em: 05 ago 2016.  
VIEIRA, I. A. S., **Educação psicodramática libertadora: contribuições de Moreno e Paulo Freire para a prática pedagógica no contexto universitário**. [Monografia] Sergipe: FEBRAP, 2009, p.81. Disponível em: <<http://www.febrap.org.br/anexos/Ivna.pdf>> Acesso em: 05 ago 2016.

## NOTAS

- 1 Jacob Levy Moreno psiquiatra criador das teorias e técnicas do Psicodrama, Sociodrama, e o Psicodrama, pioneiro nos estudos de terapia em grupo. Ler mais em MORENO, J. L. Fundamentos do Psicodrama. São Paulo: Summus, 1983.
- 2 É um conceito da sociodinâmica que versa que é[...] o role-playing, ou jogo de papéis que permite o indivíduo atuar dramaticamente diversos papéis, desenvolvendo assim um papel espontâneo e criativo (GONÇALVES, WOLFF, ALMEIDA 1988, p.42). Dessa forma, se baseia a intenção da prática das dramatizações e vivências.
- 3 Texto fornecido pelo Plano Político Pedagógico da instituição [documento de veiculação interna] 2013.
- 4 A aplicação desse conceito às práticas dos projetos é simples: onde um falta, o outro completa, onde um adiciona, o outro complementa. As visões

se somam, a atenção para com o grupo atendido se torna mais ampla, as possibilidades de estratégias de comunicação e criação de vínculo são maiores por conta da representatividade. A mudança de vozes e de modos de ser dinamizam o momento e previne a morosidade, ao mesmo tempo que desgasta menos (os educandos e educadores). Assim como nos conceitos delineados por Moreno, que descrevem que a função de ego auxiliar se [...] constitui num papel, que, para o diretor, é aquela parte da equipe de coordenação que investiga a partir de dentro as vivências dos participantes, atuando com eles. Para os membros do grupo, tem a função de desempenhar papéis que facilitem sua ação, expressão e compreensão do que está sendo trabalhado (ANDALO, 2001, p.136). Dessa forma, aplicado ao contexto educacional a função de ego auxiliar é alternante entre os educadores, não tendo apenas um diretor, mas se assemelha no sentido em que o educador nessa função oferece uma percepção ampliada da dinâmica da condução dos grupos contribuindo para seu manejo.

5 Texto fornecido pelo Plano de Trabalho de Convênios da instituição [documento de veiculação interna] 2016.

6 Rapport é uma técnica amplamente usada em áreas como a Psicologia, Pedagogia e Marketing, tem como objetivo criar um laço com o interlocutor de maneira a criar um ambiente de confiança para a expressão de opiniões e partilha de ideias. Na prática é uma pequena conversa ao iniciar um encontro que funciona como quebra gelo no intuito da criação de afinidades. Dessa maneira o comunicador se preocupa com a manutenção do rapport (harmonia) da relação, buscando o acordo interpessoal, a participação cooperativa e o clima socio-emocional afiliativo quando expressam opiniões (SOUZA, 2008, p.06).